

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DISCURSIVO: LEITURA E ESCRITURA EM ANÁLISE DE DISCURSO

Kelly Fernanda Guasso da Silva¹

Fidah Mohamad Harb²

Verli Petri³

Resumo: A reflexão acerca da produção do conhecimento discursivo encaminha a considerar o próprio fazer do analista de discurso e a sua relação com os gestos de leitura necessários para a apreensão da teoria. Neste trabalho, propomos uma análise contrastiva do artigo *Analyse de contenu et théorie du discours* (PÊCHEUX, 1967) e das duas primeiras partes do livro *Analyse Automatique du Discours – AAD-69 –* (PÊCHEUX, 1969), a fim de identificar e compreender as aproximações e os distanciamentos entre os objetos de análise. Nosso desejo é também homenagear a AAD-69 em seus 50 anos de circulação, considerando as contribuições teóricas do autor Michel Pêcheux e colocando-as em funcionamento. Entendemos a escritura como um processo que se dá a partir de retomadas e de deslocamentos do/no discurso do autor Michel Pêcheux.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Michel Pêcheux; Produção do conhecimento discursivo; Leitura; Escritura.

SOME REFLECTIONS ON THE DISCURSIVE KNOWLEDGE PRODUCTION: READING AND WRITING IN DISCOURSE ANALYSIS

Abstract: The reflection about the production of discursive knowledge leads to consider the discourse analyst's own doing and his relation with the reading gestures necessary for the apprehension of the theory. In this work, we propose a contrastive analysis of the article *Analyse de contenu et théorie du discours – AAD-69 –* (PÊCHEUX 1967) and the first two parts of the book *Analyse Automatique du Discours* (PÊCHEUX 1969) in order to identify and understand the approximations and distances among the objects of analysis. Our wish is also to honor the AAD-69 in its 50 years of circulation, considering the theoretical contributions of the author Michel Pêcheux and putting them into operation. We understand writing as a process that takes place from the resumptions and displacements of / in the speech of the author Michel Pêcheux.

Keywords: Discourse Analysis; Michel Pêcheux; Discursive Knowledge Production ; Reading; Writing

1 Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: kellyguasso@gmail.com. Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0060369653346869>

2 Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: fidah.mohamad@gmail.com. Link para currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0720014581066437>

3 Pós-doutora em Análise de Discurso pela UNICAMP; Professora Associada do DLV-PPGL/UFMS; Pesquisadora do Laboratório Corpus/UFMS; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: verli.petri72@gmail.com. Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4907455690392249>.

Primeiras palavras

Refletir acerca da produção do conhecimento discursivo encaminha a considerar o fazer próprio do analista de discurso, ou seja, aquele que pode assumir, entre outras, a posição de sujeito que questiona saberes dados como estabilizados no fio do discurso. Um sujeito que não descansa frente às verdades que se fazem evidentes. De acordo com Orlandi (2009), esse sujeito, interpelado pela ideologia, problematiza as maneiras de ler, toma posição, coloca questões sobre o que se produz e o que se lê/ouve nas diferentes manifestações da linguagem.

O analista apreende o discurso como não evidente, os sentidos como não explícitos, muito menos transparentes: estamos tratando de opacidade, de densa espessura. De acordo com Orlandi (2009, p. 22), “a linguagem serve para comunicar e não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”. E conceber a produção do conhecimento discursivo não é diferente, já que não se pode comunicar tudo, não se pode tudo dizer. Para defender um ponto de vista, tomar uma posição, sabe-se que alguns elementos precisam ser esquecidos, reorganizados, ditos de outra maneira. E o discurso é isso mesmo: ele está em funcionamento constante e significando (inconscientemente) de maneiras diversas para singulares sujeitos.

Destaca-se, nesse processo, o fato de o quanto a língua pode estar suscetível a jogos. Gadet e Pêcheux ([1981] 2004), no texto *A Língua Inatingível*, nos ensinam que o sistema linguístico possui uma ordem e, assim sendo, tem “uma

forma” de acontecer. Conforme os autores, em relação à problemática organizada em torno da questão de *leitura* (interpretação) de discursos:

Qualquer consideração a respeito desses processos assimétricos, contraditórios e heterogêneos implica em pensar na relação desses processos com a linguagem (por meio da estrutura metafórica dos sentidos, dos paradoxos, dos jogos de palavras, etc.). Tal consideração deve ser vista também como parte constitutiva desses próprios processos - nesse sentido o alcance da discursividade é inerente a processos ideológicos (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 98).

A elaboração se dá, então, com base nesses processos, o que implica pensar a relação do pensamento (estrutura do pensamento) com a linguagem. A metáfora, por exemplo, representa um recurso de elaboração da linguagem, pois os sentidos podem ser sempre outros e há formas diferentes de falar a mesma coisa (paráfrase/polissemia). Da mesma forma, entendemos que sendo “o alcance da discursividade” uma característica essencial aos processos ideológicos, essa discursividade é sempre suscetível à reelaboração, à invenção, à produção de sentidos outros.

Propor reflexões acerca do processo de produção do conhecimento discursivo é empreender um esforço para compreender melhor os meandros que fazem do discurso – que acessamos constantemente – o que ele é. Entendemos que é nas relações entre Análise de Discurso e História das Ideias Discursivas que se abrem possibilidades para instalarmos nossas questões, pois, conforme destaca Orlandi (2018, p. 89), esta última: “se filia ao mesmo método de fazer história da ciência, como história das ideias – na perspectiva discursiva”, sendo assim, analisa aquilo que se diz como “não-exato”, ou seja, seguindo a proposta de filosofia da interpretação, interroga conceitos e amplia as possibilidades de sentido.

Nesse viés, tomando a posição de analistas de discurso, problematizamos aquilo que se lê e, portanto, nos comprometemos com os (diferentes) sentidos produzidos, porque compreendemos que “há a contradição e o equívoco. Há inconsciente e ideologia” (ORLANDI, 2018, p. 92) funcionando além do sujeito, apreendido como sujeito discursivo. Tomamos, então, o sujeito como categoria de análise, sendo ele interpelado/constituído pelo momento sócio-histórico em que está inserido, visto que inconsciente e ideologia não se confundem, mas se “conjugam”, pois sujeito e sentidos se constituem ao mesmo tempo quando se pensa o sujeito discursivo (ORLANDI, 2017).

Sendo assim, o presente trabalho constitui-se em três mo(vi)mentos, a saber: na parte intitulada “A leitura em funcionamento”, descrevemos o nosso percurso de pesquisa – desde o acesso ao *corpus* até o nosso gesto de leitura. No segundo mo(vi)mento, em “A escritura em funcionamento”, desenvolvemos os sentidos de escritura e articulamos com nosso *corpus* analítico, propondo uma análise contrastiva do artigo *Analyse de contenu et théorie du discours* (PÊCHEUX, 1967) e das duas primeiras partes do livro *Analyse Automatique du Discours – AAD-69* – (PÊCHEUX, 1969). “À guisa de conclusão”, finalizamos nossa reflexão no esforço de compreender e identificar as aproximações e os distanciamentos entre os objetos de análise, a fim de observar o modo de escritura do autor Michel Pêcheux, a partir de retomadas de seu próprio discurso e de outros; refletindo, portanto, sobre a produção do conhecimento discursivo.

A leitura em funcionamento

A leitura da produção teórica de Michel Pêcheux faz pensar acerca do conceito mesmo de “interpretação”, trabalhado por Eni Orlandi

(1996) em *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Na referida obra, a autora destaca que “o sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável” (ORLANDI, 1996, p. 70), com isso consideramos ser fundamental, para que se instaure a função-autor – a partir do discurso proposto –, a produção de sentidos no sujeito leitor/interlocutor/outro. O que significa que para que o sujeito seja tomado como autor, ele tem que produzir um discurso que cause um efeito de reconhecimento em seu leitor, e este, por sua vez, deverá ser capaz de acessar sentidos no âmbito do interdiscurso e interpretar.

Tal efeito de conhecimento do/no qual se constitui a “função-autor” se dá porque o discurso inscreve-se no interdiscurso. Orlandi (1996, p. 70) distingue a “repetição empírica” – exercício mnemônico –, a “repetição formal” – exercício gramatical de produzir frases – e a “repetição histórica” – memória constitutiva, saber discursivo – para defender que é a repetição histórica que pode produzir um “evento interpretativo”. Nas palavras da autora, “é porque a história se inscreve na língua que esta significa”, sendo assim, é a partir desse movimento que se dá a significação. Tais definições ajudam a entender o processo mesmo de constituição dos saberes discursivos, dos quais se destacam os trabalhos de Pêcheux, como viemos buscando compreender.

De fato, o discurso de Pêcheux tem um papel (não único, mas) fundamental para adentrarmos na constituição do saber discursivo. Nesse viés, o conceito de “posição-autor” – apreendido aqui a partir de Orlandi (1996, p. 74) – é tomado para referir à “constituição de um lugar de interpretação”. Assim sendo, é a “posição-autor” assumida por Pêcheux, ou seja, é a tomada de posição do sujeito em seu texto/discurso, em busca de um efeito de unidade, que será trazida para discussão. É o efeito

de fechamento que o autor dá para delimitar o seu posicionamento que é entendido como “posição-autor”.

Em seu artigo *Ler o arquivo hoje*, Michel Pêcheux ([1982] 2014) versa acerca das questões que envolvem a Análise de Discurso, textos e arquivos. Ao assumir a “posição-autor”, ele toca de perto a questão da leitura e as implicações que dela podem decorrer, pois, conforme sustenta, há, na verdade, gestos de leitura possíveis frente ao arquivo.

Pêcheux ([1982] 2014, p. 59) define “arquivo” como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, auxiliando assim a apreensão de que a pesquisa parte de uma problematização do analista/pesquisador a partir do material disponível a ser analisado. É mesmo um “gesto de leitura” da teoria, pois demanda, primeiro, a organização do arquivo e, depois, a transposição da “leitura literal” para a “leitura interpretativa”. De fato, o que diferencia “uma leitura” da leitura que faz um analista de discurso é a mobilização de noções teóricas, a compreensão de que o político é constitutivo do discurso, pois concordamos com Petri (2000, p. 122) quando assinala que “a leitura do arquivo deve ser antes de tudo um ato político no interior de um espaço de leitura polêmico, onde se produzem e se reproduzem discursos”.

Importa também nos determos um pouco mais na reflexão que explicita a passagem do arquivo para *corpus* analítico. Consideramos importante observar esse movimento, pois ele pode ser visto como um gesto carregado de sentidos, os quais nos conduzem a refletir ao mesmo tempo sobre o funcionamento de arquivo e a constituição de *corpus* (SCHNEIDERS, 2014). Ademais, destacamos tais gestos, concordando com Petri (2000), considerando que eles permitem a seleção prévia das fontes; ou ainda, ao serem

projetados sobre sua materialidade, possibilitam compreender não só sentidos que tendem a estar cristalizados, mas também os efeitos de sentido, já que o arquivo é determinado pela articulação entre língua e história.

Assim, nossa questão de leitura frente ao arquivo de pesquisa se coloca desde o acesso (como o acessamos?) e a reunião dos objetos a ler, até as condições de produção do discurso. Retomamos aqui a expressão “poder do arquivo”, conforme Roudinesco (apud SCHNEIDERS, 2014), que destaca questões fundamentais de tal conceito e sua relação com a história e, especialmente, que o acesso ao arquivo, possibilita nova(s) leitura(s) acerca dessa história legitimada. Nas palavras de Roudinesco (apud SCHNEIDERS, 2014, p. 101):

[...] tout est archivé, si tout est surveillé, noté, jugé, l'histoire comme création n'est plus possible: elle est alors remplacée par l'archive devenue savoir absolu, miroir de soi. Mais si rien n'est archivé, si tout est effacé ou détruit, l'histoire tend vers le fantasme ou le délire, vers la souveraineté délirante du moi, c'est-à-dire vers une archive réinventée fonctionnant comme un dogme⁴.

Desse modo, buscamos refletir sobre a relação constitutiva do sujeito discursivo com a produção do conhecimento discursivo, a partir do que observamos no arquivo em questão, movimentando saberes. A Análise de Discurso, então, propõe um gesto de interpretação (possível, mas não qualquer um) sobre a produção do conhecimento discursivo frente ao arquivo material a ser analisado.

E é a partir da apreensão de movimentos interpretativos que envolvem a História das Ideias

4 Tradução de Caroline Mallmann Schneiders (2014, p. 101): “se tudo é arquivado, se tudo é vigiado, notado, julgado, a história como criação não é mais possível: ela é, então, substituída pelo arquivo que se tornou absoluto, espelho de si. Mas se nada é arquivado, se tudo é apagado ou destruído, a história se estende em direção ao fantasma ou ao delírio, em direção à supremacia delirante do eu, quer dizer, em direção a um arquivo reinventado, funcionando como um dogma”.

Linguísticas que se pode pensar em uma História das Ideias Discursivas, a partir do que propõe Eni Orlandi (2017; 2018; 2019a; 2019b). De acordo com a autora, considerar a História das Ideias Discursivas envolve ter em mente os já-ditos, ou seja, todos os conhecimentos que ajudam a entender as especificidades do objeto de estudo da Análise de Discurso.

Em uma fala ao Laboratório de Estudos e Análise de Discurso (LEAD) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no dia 17 de maio de 2019, Orlandi afirmou que a História das Ideias Discursivas não se limita a Pêcheux, sendo assim, não começa/termina com esse autor, mas se amplia, ao remeter a todos que vieram antes e vêm até hoje produzindo conhecimentos do/no/sobre o discurso. A produção do conhecimento discursivo, portanto, não deve ser tomada como limitada e/ou limitante, e sim como possibilidade de produzir sentidos (diversos, mas não quaisquer um) sobre a teoria.

Assim, Orlandi afirma que a Análise de Discurso, vista como uma área do conhecimento que sustenta ideias e/ou sentidos, busca um dispositivo que possibilite pensar tal material (discurso) discursivamente. Pois, conforme explicitou em sua fala ao LEAD, “a materialidade da ideologia é o discurso, e a materialidade do discurso é a língua (sua base material de realização)”.

De acordo com Orlandi, apreender o discurso envolve observar como a língua funciona e, a partir disso, entendemos que considerar uma História das Ideias Discursivas demanda tomar os conhecimentos produzidos sobre o discurso e colocá-los em relação uns aos outros. O percurso do discurso pode ser acompanhado por diversos caminhos, a partir da

tomada de posição do pesquisador e a partir dos conhecimentos que ele vai colocar em relação. Um caminho possível, mas não o único, é buscar a apreensão de elementos constitutivos da História das Ideias Discursivas a partir dos saberes discursivos que Michel Pêcheux movimentou.

É relevante destacar também o entendimento de que o conhecimento discursivo não pode ser fechado em uma instituição ou em uma posição-sujeito, mas é atravessado. Ao refletir sobre os movimentos sócio-históricos que envolvem a produção de sentidos sobre a língua sob a perspectiva científica e como se constitui historicamente a produção do conhecimento discursivo, entendemos que se faz necessário também conceber a ideia de que um saber, para ser científico, precisa ser legitimado institucionalmente, sendo essa legitimação conferida pela posição que o autor assume em seu discurso, pela circulação, pela aprovação pelas pares, pela citação e pelo próprio momento histórico de produção do saber em questão.

O conhecimento discursivo, portanto, pode ser conhecido e reconhecido a partir da produção de uma História das Ideias Discursivas, que deve acompanhar a formação de práticas de produção de conhecimento, de conceitos e de noções, pois é quando o saber começa a se institucionalizar. Sendo assim, a gramática e o dicionário, enquanto ferramentas que instrumentam e institucionalizam a língua, podem ter também um funcionamento discursivo, dependendo somente das questões que o analista “problematizar” (GLOZMAN, 2013).

Glozman (2013, p. 38), explicita a importância da “problematização”, posto que se trata de uma noção teórica que sugere desestabilizar questões e

abordar de outros modos o que se apresenta como natural:

[...] trabajamos sobre la noción de problematización como modo en que la investigación social, en tanto práctica teórica, puede hacer con aquello que se ofrece como natural, homogéneo y evidente; a partir de esta noción, se habilitan otros modos de encarar la puesta en serie de documentos en pos de producir unidades complejas (períodos, problemas, objetos)⁵.

A “problematização” (GLOZMAN, 2013), portanto, sugere um trabalho com a língua que é constitutivamente opaca. O analista não trabalha com verdades, mas com possibilidades de interpretação que são construídas a partir daquilo que é problematizado. Analisar é problematizar, colocar perguntas ao processo de constituição do discurso e propor interpretações. Em nosso gesto de leitura sobre o trabalho de Michel Pêcheux, entendemos que não só a leitura, mas também o processo de escritura da teoria do discurso envolve problematizações e, como buscamos demonstrar, retomadas e reformulações do/no discurso.

A escritura em funcionamento

O homem procura dominar o mundo em que vive. Uma forma de ele ter esse domínio é o conhecimento. Esse é um dos motivos pelos quais ele procura explicar tudo o que existe. A linguagem é uma dessas coisas. Ao procurar explicar a linguagem, o homem está tentando explicar algo que lhe é próprio e que é parte necessária de seu mundo [...] (ORLANDI, 1999, p. 7).

Quando pensamos sobre as maneiras de ter acesso ao conhecimento e, por consequência, sobre as maneiras de “dominá-lo”, podemos entender o papel fundamental da leitura, uma vez que é por meio dela que o sujeito pode acessar saberes diversos. Ademais, no que tange à produção do

5 Tradução nossa: “[...] trabalhamos sobre a noção de problematização como modo em que a investigação social, tanto prática quanto teórica, pode mobilizar aquilo que se oferece como natural, homogêneo e evidente; a partir dessa noção, se habilitam outros modos de encarar documentos colocados em série para produzir unidades complexas (períodos, problemas, objetos)”.

conhecimento discursivo, é importante considerar o funcionamento da escritura nesse processo e, por conseguinte, em nossas reflexões.

Para Pêcheux ([1982] 2014), a escritura é uma leitura interpretativa do discurso. A escritura organiza a leitura, constrói e constitui o arquivo, buscando as possíveis maneiras de aprendê-lo. A escritura, por fim, constitui um espaço “polêmico das maneiras de ler” (PÊCHEUX, [1982] 2014, p. 59) e, sendo assim, esse espaço poderia começar o trabalho de descrição do arquivo. O autor defende uma leitura interpelativa, aquela que apreende as diferentes tomadas de posição do sujeito. Dessa forma, os movimentos de ler, descrever e interpretar (ORLANDI, 2006) se tocam.

A escritura foi um dos modos que Michel Pêcheux utilizou para manifestar suas reflexões, seu trabalho teórico e suas análises, além das apresentações orais que também foram muitas. As publicações de Michel Pêcheux, que nos interessam especialmente nesse momento, ocorreram desde o ano 1966 até (pelo menos) 1985, de acordo com bibliografia organizada por Angélique Pêcheux, Françoise Gadet, Jacqueline Léon, Peter Schöttler e Michel Plon, e publicada na revista *Mots*. Temos também a obra de Denise Maldidier, que propõe uma bibliografia pecheuxtiana. Para além dos trabalhos em francês, consideramos – para explicitar tal delimitação temporal – os trabalhos de tradução para a Língua Portuguesa desenvolvidos, sobretudo, por Eni Orlandi ou sob sua coordenação, bem como o Fundo Documental Michel Pêcheux. Para este trabalho, nosso arquivo se constitui dos textos, em Língua Francesa, que compõem o Fundo Documental Michel Pêcheux, mais especificamente, selecionamos o artigo *Analyse de contenu et théorie du discours* (PÊCHEUX, 1967) que será estudado contrastivamente às primeiras duas partes da obra *Analyse Automatique du Discours – AAD-69* – (PÊCHEUX, 1969).

A escolha por tais textos, em específico, justifica-se: a) primeiro pelo nosso desejo de homenagear a AAD-69 em seus 50 anos de circulação; e b) pelo que vimos observando sobre o modo de escritura do autor Michel Pêcheux, ele trabalha sobre as retomadas de seu próprio discurso e assim produz conhecimento: construindo o “novo” a partir do que lhe é “anterior”; ou seja, ele produz os (ainda) não-ditos considerando os já-ditos do/no discurso. As escolhas, certamente, poderiam ser outras, posto que o autor faz tais retomadas em diferentes momentos de seu percurso teórico.

Trazendo para discussão o que delinea Silva (2017) sobre o sujeito da ciência na produção do conhecimento, sobretudo na dissertação intitulada *Sobre a (re)produção de conhecimento: reflexões a partir do (dis)curso de Michel Pêcheux*, destacamos o trabalho com o texto *Analyse de contenu et théorie du discours* (PÊCHEUX, 1967), artigo no qual pondera-se sobre considerar a língua como uma evidência e propõe-se que os sentidos sempre podem ser outros e que um discurso não é estanque de/em sentidos.

Nossa proposta é apresentar mais um gesto de leitura possível ao artigo *Analyse de contenu et théorie du discours*, publicado por Pêcheux no ano de 1967, no *Bulletin d'Études et Recherches Psychologiques*. Silva (2017) afirma que esse texto em específico é recuperado por Pêcheux em publicações posteriores, sobretudo em *Analyse Automatique du Discours – AAD-69 –* (PÊCHEUX, 1969), justamente por ser um trabalho em que o autor desenvolve tais reflexões.

Nosso esforço consiste em desenvolver um pouco mais a problematização que envolve a produção do conhecimento discursivo em sua relação com a leitura e a escritura da/na Análise de Discurso. Para tanto, entendemos que:

[...] o discurso se constitui sempre de maneira particular, pois está estritamente relacionado à maneira como o sujeito se relaciona com a realidade que o circunda [...] para que o sujeito interprete e produza sentidos – representando e representando-se –, ele precisa considerar os dizeres já-ditos, sem deixar de “atentar para”/entender o que por ele foi experienciado. E isso entra no jogo discursivo, da mesma forma, tanto para o sujeito produtor do discurso, quanto para o sujeito leitor: são as experiências que conduzem o sujeito a enfrentar a realidade de uma maneira particular dentre outras possíveis (SILVA, 2017, p. 84).

Assim sendo, o sujeito se constitui dos discursos que o atravessam e produz conhecimento a partir desse lugar para assumir a posição-autor. Não é possível prescindir ao que já foi dito antes: a constituição da Análise de Discurso, portanto, exemplifica o próprio movimento do pêndulo (PETRI, 2013); já que há um batimento constante entre a teoria e a prática discursiva.

Como já afirmamos, o artigo *Analyse de contenu et théorie du discours* foi publicado por Pêcheux no ano de 1967, no *Bulletin d'Études et Recherches Psychologiques*. E o livro *Analyse Automatique du Discours – AAD-69 –*, que foi publicado por Pêcheux no ano de 1969, compõe a coleção *Sciences du Comportement*, dirigida por François Bresson e Maurice de Montmollin, da editora parisiense Dunot. Há, portanto, a diferença de dois anos entre essas publicações, no que tange às diferenças, ainda destacamos o número de páginas, já que originalmente (em Língua Francesa) o artigo conta com 17 e o livro – do qual propomos a análise de seus dois primeiros capítulos – conta com 140 páginas.

Fazendo uma leitura preliminar dos títulos dos dois trabalhos, podemos de imediato identificar que ambos giram em torno da mesma temática, a saber: a análise/teoria do discurso, esse era o momento sócio-histórico da constituição do que hoje nomeamos como Análise de Discurso

Francesa ou de Escola Francesa. Havia um esforço teórico e metodológico muito grande, a produção escrita é também a compreensão que vai se construindo sobre como circunscrever o objeto discurso.

A seguir, observando a maneira como se organizam os subtítulos, já conseguimos identificar aproximações e distanciamentos, pois *Analyse de contenu et théorie du discours* é o título do artigo e também o título do primeiro capítulo do livro, conforme se pode identificar a partir das figuras 1 e 2:

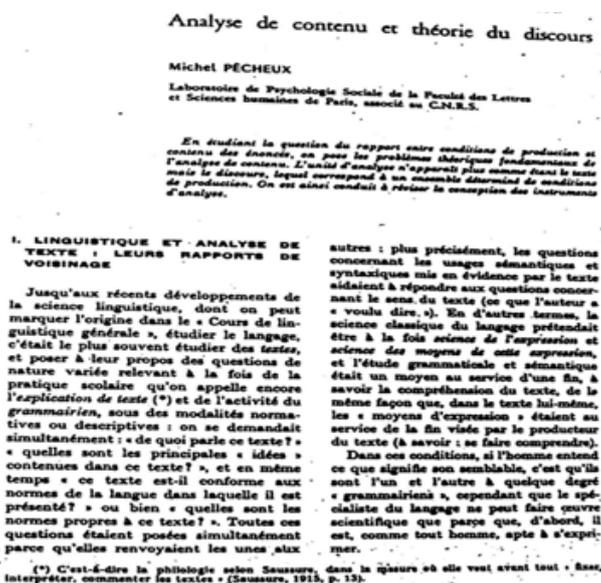


Figura 1 – primeira página do artigo *Analyse de contenu et théorie du discours* (PÊCHEUX, 1967)

Fonte: Fundo Documental Michel Pêcheux.

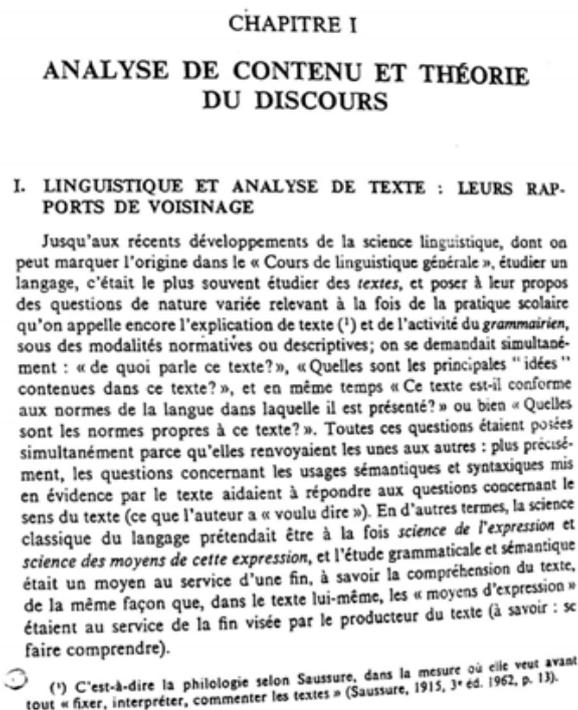


Figura 2 – primeira página do livro *Analyse Automatique du Discours - AAD-69* – (PÊCHEUX, 1969)

Fonte: Fundo Documental Michel Pêcheux.

A figura 1 em contraste com a figura 2 permite visualizar que o artigo e o livro têm o primeiro subtítulo idêntico – *Linguistique et analyse de texte: leurs rapports de voisinage*, bem como os parágrafos que seguem. Trata-se do mesmo texto (considerando parágrafos e subtítulos) em toda a primeira parte do 6 – Cf. em biblioteca do Labeurb, NUDECRI, UNICAMP.

artigo e do livro. As divergências começam a aparecer a partir da segunda parte, sendo, no livro, mais desenvolvida – não só porque constitui-se de um maior número de páginas, mas, sobretudo, porque foi escrito/publicado dois anos depois. As figuras 3 e 4 explicitam a diferença:



Figura 3 – segunda parte do artigo *Analyse de contenu et théorie du discours* (PÊCHEUX, 1967)

Fonte: Fundo Documental Michel Pécheux.

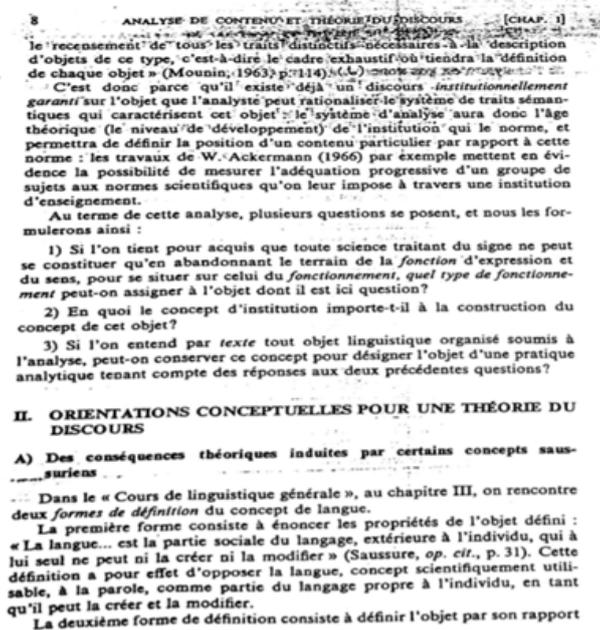


Figura 4 – segunda parte do livro *Analyse Automatique du Discours – AAD-69* – (PÊCHEUX, 1969)

Fonte: Fundo Documental Michel Pécheux.

Ainda que contem com o mesmo título para a parte 2 – *Orientations conceptuelles pour une théorie du discours* –, os subtítulos do artigo e do livro são diferentes, já que no artigo temos a) *Langue et système sémiologique* e no livro A) *Des conséquences théoriques induites par certains concepts saussuriens*. As figuras 3 e 4 também permitem visualizarmos que, ainda que pequenos, começam a aparecer alguns distanciamentos entre os parágrafos que seguem.

Pêcheux (1968, p. 115) destaca que o discurso é “[...] un segment de texte correspondant à un certain état invariant de la représentation de la situation pour le locuteur”⁷; nesse viés, podemos apreender que o discurso não se inicia necessariamente com sua primeira palavra e, da mesma maneira, não finda com sua última palavra. Esse processo remete tanto à imagem que o locutor faz dele mesmo e do seu interlocutor quanto à imagem que o interlocutor faz dele mesmo e do locutor, o que em um outro momento, com maior elaboração, vai corresponder ao conceito de formações imaginárias, tal como foi proposto por Pêcheux, e que regulam as relações entre os sujeitos na produção do discurso. É mesmo um movimento de fazer-se compreender.

A partir do artigo *Analyse de contenu et théorie du discours* (PÊCHEUX, 1967), podemos considerar que a escritura pecheuxtiana pode ser tomada como um processo que se constitui dos já-ditos que permeiam o discurso do sujeito. Não há como prescindir de tudo o que veio antes.

O livro *Analyse Automatique du Discours – AAD-69 –* (PÊCHEUX, 1969) constitui um momento dado como inaugural à teoria do discurso, conforme afirmam Petri e Venturini (2019, no prelo), sendo assim, possui grande relevância:

Em AAD-69, vamos nos encontrar com o Pêcheux do final da década de 1960, que dá grande mérito aos avanços promovidos por Saussure e que, especialmente, estabelece sua crítica às análises linguísticas que se prendiam à língua como sistema autônomo ou ao texto como unidade de análise, porque já não se poderiam fazer as mesmas perguntas que a Análise de Conteúdo fazia até então. Pela sua tomada de posição crítica e pelas relações que estabelecia com o materialismo histórico e dialético, Pêcheux começa a circunscrever, já naquele momento, o objeto de estudo “discurso”, quando desloca a ideia de função para a de funcionamento e propõe considerar as relações com a exterioridade constitutiva (PETRI; VENTURINI, 2019, p. 4).

No tocante ao discurso, há muitas reflexões importantes do autor Michel Pêcheux (1969) na obra *Analyse Automatique du Discours – AAD-69 –*, se considerarmos, por exemplo, que é nela que se propõe a máquina discursiva, um dispositivo que analisaria discursos automaticamente. Tal ideia acaba sendo abandonada pelo autor quando ele entende que questões semânticas atravessam o discurso e não é possível trabalhar com equivalências e/ou transparências da língua.

À guisa de conclusão

Nossa proposta, ao apresentar uma breve análise contrastiva sobre a constituição do artigo *Analyse de contenu et théorie du discours*, publicado por Pêcheux no ano de 1967, e das duas primeiras partes do livro *Analyse Automatique du Discours – AAD-69 –*, publicado no ano de 1969, foi demonstrar que o processo de escritura da teoria do discurso constituiu-se de retomadas, repetições e deslocamentos. A reflexão acerca da produção do conhecimento discursivo demandou considerarmos o próprio fazer do analista de discurso e a sua relação com os gestos de leitura necessários para a apreensão da teoria.

A partir do exposto, entendemos o trabalho de Michel Pêcheux como fundamental para a constituição do saber discursivo. É a partir desse autor que apreendemos a leitura e a escritura como processos complexos – associados a questões teóricas e engendrando práticas sociais – necessário à produção do conhecimento.

Como buscamos demonstrar, ao considerarmos o sujeito da ciência como sujeito discursivo, dotado de inconsciente e interpelado pela ideologia, entendemos que, por meio do seu gesto de leitura, ele interpreta/ desloca/ recupera os saberes do interdiscurso e possibilita a produção do conhecimento. Sendo assim, é a partir da Análise de Discurso e da História das Ideias Discursivas

7 Tradução nossa: “um segmento de texto correspondente a um certo estado invariante da representação da situação pelo locutor”.

que tomamos o discurso como forma material que produz relações entre sujeitos e efeitos de sentidos para sujeitos. Apreendemos, assim, que a teoria não se propõe a dar respostas prontas, mas a sempre colocar novas questões ao sujeito e outras maneiras de ler, enfim, concordamos que:

L'analyse de discours n'a aucune vocation particulière à régler cette interminable série de conflits. Il lui suffit de mettre en oeuvre ses propres problématiques et procédures: l'enjeu crucial est de construire des interprétations, sans jamais les neutraliser, ni dans le « n'importe quoi » d'un discours sur le discours, ni dans un espace logique stabilisé à prétention universelle (PÊCHEUX, 1984, p. 17)⁸.

Referências

- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *A língua inatingível: o discurso na história da lingüística*. Campinas: Pontes, 2004.
- ORLANDI, Eni. Ética, ciência, ideologia, interpretação. In.: BARONAS, Roberto Leiser et al. (Org.). *As ciências da linguagem e a(s) voz(es) e o(s) silenciamento(s) de vulneráveis: reflexão e práxis – Homenagem ao Prof. Luiz Antônio Marcuschi*. Campinas: Pontes, 2018.
- _____. *Eu, tu ele*. Discurso e real da história. 2. ed. Campinas: Pontes, 2017.
- ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- _____. L'analyse du discours au Brésil. In: RAUS, Rachel (Org.). *Partage des savoirs et influence culturelle: l'analyse du discours « à la française » hors de France*. Essais Francophones, n. 6, 2019a, p.75-94. Disponível em : http://gerflint.fr/Base/Essais_francophones/essais_francophones_vol_6_2019.pdf acesso em 24.07.2019.
- _____. A secretária: um obstáculo ao exercício dos Direitos Humanos? Cotidiano e burocracia. In: ADORNO, G. et al. *O discurso nas fronteiras do social*. Vol.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019b, p. 21-37.
- _____. *O que é lingüística*. São Paulo: Braziliense, 1999.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- _____. (Org). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 4. ed. Campinas: Unicamp, [1982] 2014.
- _____. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, Angélique. Bibliographie des travaux de Michel Pêcheux. In.: *Mots*, n. 13, octobre 1986, p. 195-200. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1986_num_13_1_1314>. Acesso em: 17 jul. 2019.
- PÊCHEUX, Michel. Analyse de contenu et théorie du discours. *Bulletin d'Études et Recherches Psychologiques*, n. 3, p. 211-227, 1967.
- _____. Vers une technique d'Analyse du Discours. *Psychologie Française*, n. 15, p. 113-117, 1968.
- _____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 4. ed. Campinas: Unicamp, [1982] 2014.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Pucinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, [1983] 2002.
- _____. Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours. *Mots*, n. 9, p. 7-17, 1984b. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1984_num_9_1_1160>. Acesso em: 20 set. 2019.
- PETRI, Verli. Por um acesso fecundo ao arquivo. In: *Revista Letras: Corpus: Análise de Dados e Cultura Acadêmica*, nº 21, jul./dez., p. 121-125, 2000.

_____. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: _____; Dias, Cristiane. *Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise*. Santa Maria: UFSM, 2013, p. 39-48.

_____. ; VENTURINI, Maria Cleci. Algumas reflexões sobre o trabalho teórico de Michel Pêcheux: 50 anos após a publicação de AAD-69. In.: GARCIA, Dantielli Assumpção; SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. *De 1969 a 2019: um percurso da/na Análise de Discurso*. Campinas: Pontes, 2019, no prelo.

SCHNEIDERS, Caroline Mallmann. Do retorno ao arquivo à constituição do corpus e dos gestos de interpretação. *Conexão Letras*, v. 9, n. 1, p. 99-109, 2014.

SILVA, Kelly F. G. *Sobre a (re)produção de conhecimento: reflexões a partir do (dis)curso de Michel Pêcheux*. 96 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Letras/UFSM. Santa Maria, 2017.

Submissão: 29 de outubro de 2019.

Aceite: 04 de novembro de 2019.